

UM BAILE MISTURADO: (SOBRE)VIVÊNCIAS LGBT E NEGRAS NO VALE DO TAQUARI

Jandiro Adriano Koch¹

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
jandirokoch@gmail.com

Priscila Pavan Detoni²

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
ppavandetoni@gmail.com

3- Produções culturais e artísticas

Resumo: Trata-se de relato de experiência, que resultou na publicação do livro “Um baile misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari”, projeto desenvolvido pelo Núcleo da Diversidade do Diretório Central de Estudantes da Universidade do Vale do Taquari, grupo formado em 2017 com os propósitos de visibilizar questões interseccionais e identidades envolvendo as diversidades sexuais, étnicas, “raciais” e de gênero, considerada a comunidade acadêmica e regional como delimitação geográfica.

Palavras-chave: LGBT, diversidades, Vale do Taquari, visibilidade, DCE.

1. A gênese do Núcleo da Diversidade do DCE/Univates

Em 2016, duas chapas concorreram ao Diretório Central de Estudantes (DCE) do ainda Centro Universitário do Vale do Taquari, hoje instituição reconhecida como universidade (UNIVATES). A chapa que recebeu menos votos tinha como proposta a elaboração de estratégias para tornar as diversidades pauta dentro do espaço acadêmico. A chapa contrária, que somou mais votos, não apresentava esse elemento entre seus objetivos.

Como processo de autocrítica, o grupo eleito entendeu ter o dever de incluir certas proposições da oposição entre os trabalhos a ser desenvolvidos durante o ano seguinte. Partiram, portanto, de certa tensão inicial, os convites estendidos a representações de categorias diversas para compor um núcleo capaz de lidar com

¹ Graduando em História na Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

² Doutora em Psicologia Institucional e Social (UFRGS).

possíveis demandas. Assim, o presidente do DCE passou a conversar com prováveis interessados, entre os quais alguns aceitaram o desafio.³

As primeiras reuniões do Núcleo da Diversidade aconteceram com número reduzido de participantes. Alguns chegaram a estar em uma reunião, desistindo em seguida. Todavia, nesses encontros, já ficava evidente que haveria lastro gigantesco de possibilidades de atuação. Esse leque trouxe dificuldades, pois logo foram sendo notadas limitações: em relação ao trabalho voluntário; na dúvida sobre como representar determinados grupos; e problemáticas de operacionalização, essas especialmente em relação à falta de autonomia financeira. Os obstáculos tomaram proporções maiores em razão de outro fator: a escassez de referências, de pesquisas regionais sobre diversidade sexual, “racial” e de gênero.

Na região do Vale do Taquari (VT), pelo que há de registros, houve uma tentativa de formar uma ONG voltada para o público gay no final do ano de 2003, quando algumas pessoas se mobilizaram no município de Estrela. O Livro de Atas⁴ guarda informações das reuniões ocorridas entre 06/11/2003 e 11/12/2003, num total de quatro encontros. O grupo, provisoriamente chamado *ELOS – Grupo de Identidade Homossexual*, se dissolveu por divergências entre os participantes e desinteresse resultante do processo burocrático para a concretizar o projeto (KOCH, 2013, p. 202-203).

Em 2016, alguns meses antes de o Núcleo da Diversidade do DCE se formar, surgiu o *Coletivo LGBT Lajeado e região*, organizado por Rodrigo Mattos e Victor Alan Gomes, cuja história foi relatada em entrevista por um dos fundadores. Esse coletivo fez parcerias com o Núcleo da Diversidade, mas já funcionava apenas virtualmente - mantendo-se como plataforma de denúncia (KOCH, 2017, p. 73-77).

Dessa forma, há que se considerar que a vinculação com o DCE criou um organismo específico, diferente de uma ONG e do coletivo citado. Tornou-se pioneiro. O que levou a determinados riscos. Dentro das possibilidades de cada qual dos integrantes do Núcleo, estratégias foram testadas. Muitas se concentraram no público de

³ Dentre os primeiros convidados, Jandiro Adriano Koch (Jan), representante LGBTQI, que acabou se tornando coordenador(@) do Núcleo em razão de ter sido a primeira pessoa convidada a formá-lo, e Inauã Weirich Ribeiro, representante das mulheres e da diversidade religiosa. Foram convidados alguns integrantes da chapa de oposição, mas apenas um deles acabou encampando a ideia – Douglas Farias, representante dos negros.

⁴ Koch, Jandiro Adriano. Arquivo pessoal.

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pessoas Trans, Queers, Intersexuais (LGBTQI) e na comunidade negra do VT. No presente relato, em razão de limitação de espaço, será focado o trabalho realizado junto à população LGBTQI.

2. As práticas discursivas locais e as construções dos sujeitos

Antes de prosseguir na descrição dos trabalhos do Núcleo da Diversidade, especialmente os voltados à população LGBTQI, é importante retratar brevemente o contexto regional. Para tanto, recorreremos a Didier Eribon, que discorre sobre diferenças entre as grandes cidades e áreas de interior. Para o autor, centros urbanos sempre exerceram fascínio sobre os gays, que viam nelas a possibilidade de vivenciarem a homoafetividade, algo muito mais provável nesses locos em função de certa facilidade na construção de redes de sociabilidade (ERIBON, 2008, p. 30-36).

Podemos definir todo o VT como interiorano ou rural. Incluímos, ainda, Lajeado, mesmo que esteja despontando demograficamente. O aumento populacional evidencia-se, também, pela presença LGBTQI, que pode ser vislumbrada em um tempo mais próximo, especialmente nas últimas décadas do século XX, pela quantidade de travestis/transsexuais exercendo a atividade de profissional do sexo, além da consolidação de redes de socialização locais, algo aparente no surgimento das primeiras festas gays a partir dos anos 2000.

As vivências LGBTQI, antes disso, ainda são campo a ser estudado. No que se pesquisou até o momento, há poucos registros. O que não quer dizer inexistência de documentos. Antes, desvela um mapeamento mais rigoroso a ser feito. Entre os jornais que circularam na região, *O Informativo do Vale*, publicado desde 1970, foi fonte de pesquisa de fácil acesso, embora não esteja digitalizado, o que tornou a busca morosa.

Do que foi acessado nesse impresso, entende-se que o grupo LGBTQI não se manifestou, individualmente ou coletivamente, entre ano de fundação do jornal, em 1970, até o final de 1999 - salvo uma exceção⁵. A ausência de discursos escritos e/ou assumidos não descarta outras agências ou as existências, apenas aponta que essas não

⁵ Em 1993, Sharon D'Ávila, então autodenominada travesti, trabalhava como profissional do sexo na boate Stillu's, em Lajeado. Ela foi entrevistada por Andreia Rabaiolli e Vera Darde. O resultado tomou duas páginas do jornal. Todavia, é possível relacionar essa matéria com um viés sensacionalista, mesmo que não se perceba preconceito direto.

se fizeram visíveis e/ou assumidas nesse meio de comunicação. Cabe pensar, por exemplo, nos colunistas sociais notoriamente homossexuais com espaços no periódico. Embora não tenham saído do armário com as canetas, amparam determinado número de pares fazendo recorrentes divulgações dos seus trabalhos como artistas plásticos, cabeleireiros, decoradores e maquiadores.

De qualquer forma, há um vazio permitindo que – ao menos no discurso escrito – os sujeitos sejam delineados por outros. Esses o fizeram, de maneira geral, de forma problemática. Quando do surgimento da epidemia de Aids, os homossexuais passaram a ser nomeados com certa frequência, especialmente em falas médicas e religiosas, que reiteravam seus corpos como doentes, que os adjetivavam como pecadores. Em 28/10/1989, um médico previa: “Lajeado deverá ter muitos aidéticos [se] permanecerem os atuais índices de consumo de tóxicos, de prostituição e homossexualismo na cidade” (O INFORMATIVO DO VALE, 28/10/1989, p. 8). Em 1993, um pastor da Igreja Batista, afirmava que: “[...] se homossexuais, as prostitutas, os homens e mulheres parassem de praticar o sexo fora do casamento [...] os números da AIDS seriam reduzidos drasticamente” (O INFORMATIVO DO VALE, 11/12/1993, p. 22).

Repetidos esses enunciados, na falta do contraditório em mesmo formato, é de se supor que fizeram parte importante da formação da mentalidade sobre a população LGBTQI local. Na acepção de Judith Butler, pode-se acreditar que seus corpos foram, em boa parte, performados, construídos discursivamente. Tamsin Spargo registrou que Butler “adota o argumento de Foucault de que a ‘sexualidade’ é produzida discursivamente, ampliando-o para incluir o gênero. Ela apresenta gênero como um efeito performativo [...]”⁶ Nesse sentido,

[...] os gays vivem num mundo de injúrias. A linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles [...]. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as do discurso psiquiátrico, político, jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar – inferiorizado – na ordem social” (SPARGO, 2017, p. 41).

Apesar de nos anos 2000 terem acontecido as primeiras festas gays, quando a população LGBTQI ampliou sua visibilidade, inclusive nos impressos, casos de violências, sejam verbais ou físicas, além de sofrimentos outros, dão conta de que ainda não se falou o suficiente sobre o assunto. Diante desse panorama, também presente no VT, as pessoas que formaram o Núcleo da Diversidade precisaram debater sobre formas

para “dar visibilidade” a quem a desejasse, levando sempre em conta que tornar-se visível acarreta ônus. Considerou-se a possibilidade de fazer entrevistas e trabalhar o material resultante. A estratégia logo revelou que existiam recortes a ser feitos, amputações efetuadas por quem detinha o poder. Ou seja, mesmo que o Núcleo encontrasse um formato capaz de fazer ouvir ou ler a palavra proveniente diretamente dos representantes LGBTQI, a escolha dessas pessoas, os acertos nas transcrições e as edições nas entrevistas acabariam moldando resultados.

Todavia, não podendo deixar com que essa limitação levasse à inércia, firmou-se a realização de entrevistas com gravação do áudio. As transcrições foram compartilhadas em um blog em conjunto com fotografias dos acervos dos entrevistados. Esse blog não teve os acessos esperados. A ideia de publicar um livro com o conjunto das entrevistas foi se formando a partir dessa nova limitação, o que culminou na edição do livro *Um baile misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari*.⁷

3. Da produção aos resultados – bailando.

Entre os objetivos da publicação, não estava somente o de ampliar o público do Núcleo da Diversidade, mas principalmente o de corresponder de alguma forma às (supostas) expectativas dos grupos representados: diversidades sexuais, “raciais” e de gênero. Como fazer com que a população LGBTQI e a comunidade negra se sentissem representadas por uma equipe legitimada pelo DCE?

Poderia ter sido escolha gravar as entrevistas e apresentar um artigo acadêmico para a comunidade. No entanto, se sabia que esse formato final, a despeito de sua relevância, não criaria empatia com os interlocutores primeiros (entrevistados) e tampouco com os demais leitores (salvo exceções). Ainda, a escolha pela coletânea de entrevistas levou em consideração, também, a ideia de que os entrevistados deixaram explícitas as informações que desejam dividir, não havendo necessidade de rearranjos academicistas. Evidentemente, não houve fuga total. Recorreu-se, por exemplo, à história oral, metodologia sobre a qual bem diz Paul Thompson: “não é necessariamente

⁷ “Um baile misturado” se tornou título em função da entrevista Manoel da Silva, que manteve um “salão dos morenos” em Lajeado, local em que teriam acontecido os primeiros bailes em que brancos e negros puderam dançar juntos, o que até então não acontecera em razão da segregação “racial”.

um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada” (THOMPSON, 1992, p. 22).

Durante o processo, vários contatados LGBTQI não aceitaram participar, especialmente pessoas com mais idade, o que fez refletir que, regionalmente, ainda existem resistências à visibilidade, possivelmente resultante de sofrimentos diversos no passado e de preconceitos atuais. Entre os que assentiram em falar, Alex da Silva, um dos pioneiros na organização de festas gays no VT; Rodrigo Mattos, coordenador do *Coletivo LGBT Lajeado e Região*; Dandara Lima, mulher trans que atua como manicure; e Jardel dos Santos, que apresentou um relato de vida com vínculos com a questão da “reorientação sexual”, assunto então em voga.⁸

As autonarrativas trouxeram para a praça pública vivências até então pouco registradas. Ao conhecerem as histórias de vida dessas pessoas, muitos leitores comentaram sobre a experimentação da empatia, algo que puderam “sentir” sendo LGBTQI ou não. Para dar sentido a esse tipo de retorno, consideramos o que nos diz Didier Eribon:

É absolutamente necessário, vital, para os gays e as lésbicas poder dar suas(s) própria(s) imagem(ns) de si mesmos, a fim de escapar às imagens durante tanto tempo produzidas sobre eles, e oferecer, assim, modelos positivos (ou neutros ou, ao menos, mais conformes com a realidade) àqueles/àquelas que só têm sob os olhos imagens tão fortemente negativas (ERIBON, 2008, p. 96).

A partir do livro, também foi possível a realização de rodas de conversa às quais compareceram os entrevistados Dandara Lima e Rodrigo Mattos, em momentos diferentes, aprofundando aspectos específicos e discorrendo sobre sua vida e militância. A tiragem física esgotou rapidamente e uma segunda edição foi prevista, mas a verba acabou sendo liberada somente para o formato *e-book*.

Por fim, acreditamos que o lançamento do livro, a vinda de representantes LGBTQI para dentro da universidade, a coordenação de rodas de conversa, as participações em programas de rádio e televisão, entre outras oportunidades decorrentes do trabalho efetuado em um espaço de um ano, confirmaram o potencial de um Núcleo atuante e bem posicionado politicamente sobre as demandas na área interseccional – LGBTQI e negros - em uma região - mesmo que em tempos de internet - ainda tão afastada dos debates, especialmente nas áreas de gênero e “raça”.

⁸ A entrevista com Jardel dos Santos saiu na 2ª edição do livro. Disponível em e-book em <http://www.univates.br/editora-univates/publicacao/226>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

KOCH, Jandiro Adriano. **Sexo, norma e desvio**: defloramentos, doenças venéreas, homossexualidade e prostituição na história de Estrela e de outras cidades sul-riograndenses, do séc. XIX à atualidade. Lajeado: Editora da Univates, 2013.

_____. **Um baile misturado**: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari. Lajeado: Editora da Univates, 2017.

MÉDICO prevê que em pouco tempo Lajeado terá aids. **O Informativo do Vale**, Lajeado, 28/10/1989.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZAGONEL, LAERTE PAULO. Aids, há solução? **O Informativo do Vale**, Lajeado, 11/12/1993.